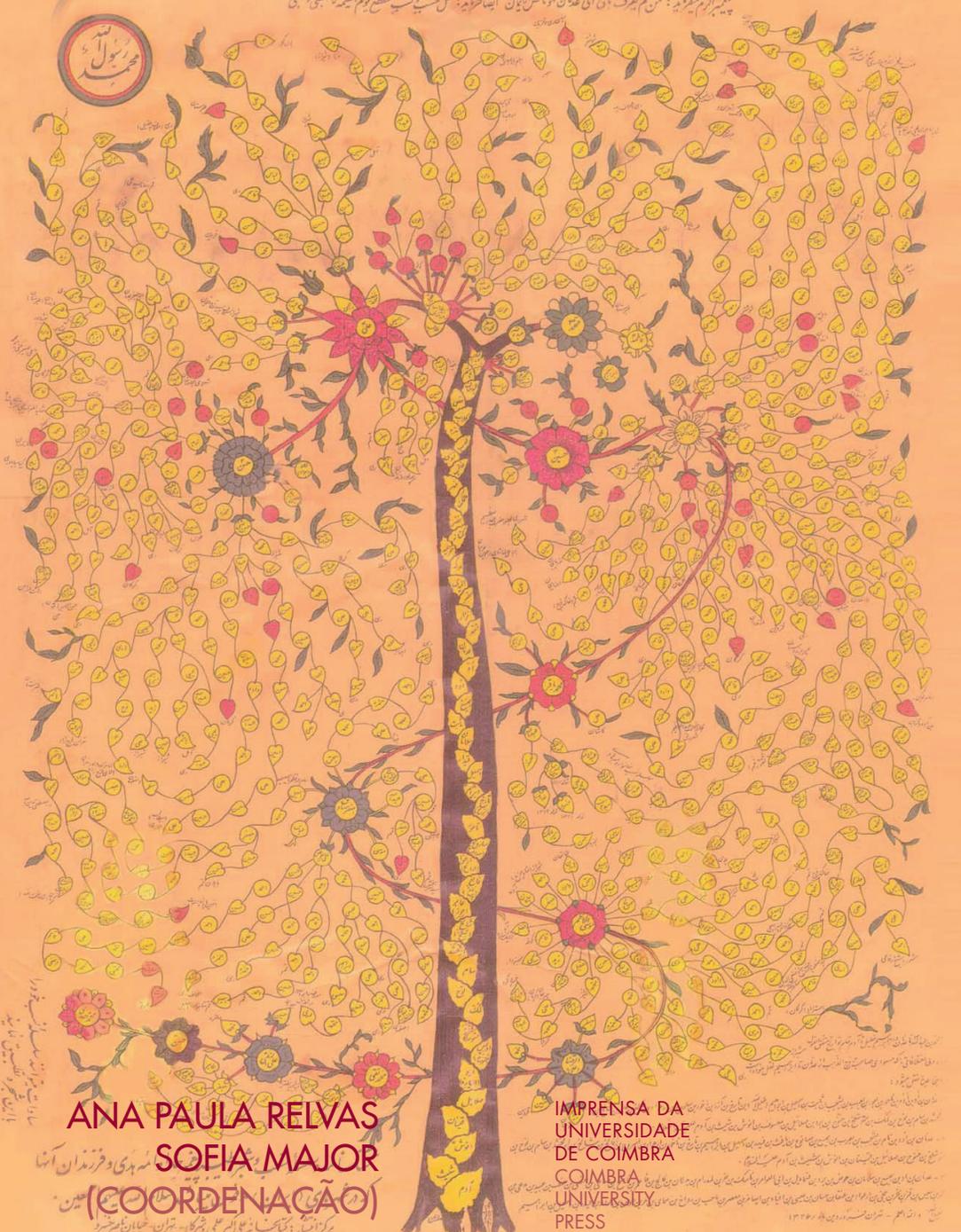


AVALIAÇÃO FAMILIAR

FUNCIONAMENTO E
INTERVENÇÃO
VOL. I

چهارم از مجموعه: فن نامه‌ها برای الی عدنان، قوام‌الایمان، ایضا، قوام: علم خردمند، فلسفه و مکتب و مکتب‌الاسلام و فلسفه



ANA PAULA RELVAS
SOFIA MAJOR
(COORDENAÇÃO)

IMPRENSA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

این کتاب شامل مجموعه‌ای از مقالات است که در زمینه‌های مختلف روانشناسی و مشاوره خانوادگی به بحث می‌پردازد. این کتاب به عنوان یک منبع ارزشمند برای دانشجویان و متخصصان این حوزه در نظر گرفته می‌شود. همچنین، این کتاب به دلیل محتوای علمی و کاربردی خود، برای والدین و معلمان نیز بسیار مفید خواهد بود. این کتاب در سال ۱۳۹۴ در شهر کوئمبرا، پرتغال چاپ شده است.

ESCALA DE AVALIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA PARENTALIDADE (COMPA)

Alda Portugal
Isabel Alberto

“Despite the fact that most people become parents
and everyone who has ever lived has had parents,
parenting remains a most mystifying subject.”

(Bornstein, 2002, p. 11)

Resumo

Perante a inexistência de uma escala de avaliação da comunicação adaptada/validada para a população portuguesa, foi desenvolvida a Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA). Este instrumento pretendeu avaliar as perceções de 1422 progenitores/filhos sobre a comunicação mantida. A análise da validade interna revelou uma estrutura de cinco fatores para a versão parental (Expressão do Afeto e Apoio Emocional, Disponibilidade Parental para a Comunicação, Metacomunicação, Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos, Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores) e versão adolescentes (12-16 anos) (Disponibilidade Parental para a Comunicação, Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores, Expressão do Afeto e Apoio Emocional, Metacomunicação, Padrão Comunicacional Negativo) e de dois fatores para a versão das crianças (7-11 anos) (Disponibilidade Parental para a Comunicação, Expressão do Afeto e Apoio Emocional).

Esta estrutura fatorial exploratória foi confirmada pelos estudos de análise fatorial confirmatória. Os níveis de consistência interna revelaram-se bons para fins clínicos e de investigação.

Palavras-chave: comunicação parento-filial, crianças em idade escolar, adolescentes, validação.

Abstract

The Perception Scale of Parenting Communication (COMPACT) was developed in the absence of a reliable measure about communication in Portuguese population. This instrument has the purpose of evaluate parental and children perception about their communication in a sample composed by 1422 parents and children. The results of internal validity revealed a five-factor structure for parental version (Emotional Support/Affective Expression, Parental Availability to Communication, Metacommunication, Parental Confidence/Sharing, Children Confidence/ Sharing) and for adolescent version (12-16 years old) (Parental Availability to Communication, Children Confidence/ Sharing, Emotional Support/ Affective Expression, Metacommunication, Negative Communication Patterns) and two-factor structure for children version (7-11 years old) (Parental Availability to Communication, Emotional Support/Affective Expression). This factor structure was confirmed by confirmatory factor analysis. COMPACT's levels of internal consistency seem to be good for research and clinical use.

Keywords: parent-child communication, school-age children, adolescents, validation.

1. Instrumento

O que é, o que avalia e a quem se aplica?

No Quadro 1 encontra-se a ficha técnica relativa à Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA).

Quadro 1.

Ficha técnica da Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

O que é?	A Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA) é um instrumento de avaliação criado de raiz, em Portugal, por Alda Portugal e Isabel Alberto		
	A escala COMPA foi desenvolvida com o intuito de avaliar a perceção de progenitores e de filhos sobre a comunicação que mantêm entre si. Trata-se de uma escala com três versões: para pais (COMPA-P), para filhos com idades entre os 7 e os 11 anos (COMPA-C) e para filhos com idades entre os 12 e os 16 anos (COMPA-A). A escala é composta por diversas dimensões que variam em função da respetiva versão		
	Estrutura da COMPA-P		
	Subescala	Número Itens	Descrição
O que avalia?	Expressão do Afeto e Apoio Emocional	12	Refere-se à troca de mensagens positivas entre os membros da família considerando algumas características da comunicação (e.g., clareza, resolução de problemas, suporte emocional, apoio verbal, afeto e empatia). Item 39. “Preocupo-me com os sentimentos do meu filho.”
	Disponibilidade Parental para a Comunicação	8	Diz respeito à sinceridade nas respostas às questões dos filhos, à abertura comunicacional e ao equilíbrio entre estes aspetos e privacidade. Item 26. “O meu filho entende aquilo que lhe quero dizer.”
	Metacomunicação	8	Remete para a capacidade de os pais utilizarem uma comunicação esclarecedora evitando estratégias manipulativas e de controlo. Item 23. “Tento compreender o ponto de vista do meu filho.”

Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos	7	Relativas à partilha equilibrada de questões e problemas pessoais, de pais e de filhos, sobre trabalho, relacionamentos, amizades, família.
Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores	7	Item 15. “Quando o meu filho está aborrecido ou zangado comigo explica-me claramente o que sente.”
Estrutura da COMPA-A		
Subescala	Número Itens	Descrição
Disponibilidade Parental para a Comunicação	14	Diz respeito à percepção de escuta atenta/ativa dos pais em relação aos filhos. Item 10. “Posso confiar no meu pai e contar-lhe os meus problemas.”
Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores	7	Refere-se à capacidade do filho em adotar uma postura aberta e honesta e ser responsivo. Item 3. “Converso com o meu pai quando me sinto aborrecido/a.”
Expressão do Afeto e Apoio Emocional	5	Reporta-se à ligação afetiva entre filhos e pais que permita a partilha e discussão de preocupações e sentimentos pessoais. Item 29. “Digo ao meu pai que gosto dele.”
Metacomunicação	9	Avalia a capacidade dos filhos para estabelecerem uma comunicação aberta e clara com os seus pais. Item 27. “Quando não percebo o que o meu pai me está a dizer digo-lhe e ele tenta explicar-se melhor.”
Padrão Comunicacional Negativo	4	Reporta-se aos comportamentos comunicacionais que promovem estilos desadequados de relacionamento. Item 6. “Minto ao meu pai.”

		Estrutura da COMPA-C	
		Subescala	Número Itens
		Disponibilidade Parental para a Comunicação	8
		Expressão do Afeto e Apoio Emocional	8
		<p>Diz respeito à percepção de escuta atenta/ativa dos pais em relação aos filhos. Item 13. “O meu pai dá-me atenção e é carinhoso comigo.”</p> <p>Refere-se à ligação afetiva entre filhos e pais que permita a partilha e discussão de preocupações e sentimentos pessoais. Item 14. “O meu pai diz-me que gosta de mim.”</p>	
A quem se aplica?	A escala COMPA-P destina-se a progenitores de todas as faixas etárias que tenham filhos com idades compreendidas entre os 7 e os 16 anos; a versão COMPA-A deve ser preenchida por adolescentes com idades entre os 12 e os 16 anos; e a versão COMPA-C destina-se a crianças entre os 7 e os 11 anos de idade. A escala COMPA-P pode ser aplicada a qualquer responsável pelo cuidado da criança, no entanto foi desenvolvida e validada especificamente para as figuras parentais (pai e mãe)		
Como ter acesso?	O acesso à Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA) pode ser efetuado através da página www.fpce.uc.pt/avaliacao-familiar que contém todos os instrumentos de avaliação apresentados neste livro. Os utilizadores deverão facultar os contactos pessoais e institucionais, bem como dados acerca do propósito da utilização de cada uma das versões da COMPA (e.g., investigação, prática clínica) e concordar com as condições de utilização e de partilha dos resultados com os autores da versão portuguesa		

Fundamentação e história

A comunidade científica nacional e internacional debruçou-se, desde cedo, sobre o estudo da comunicação no contexto da família. A escola de Palo Alto, pela mão de um conjunto de autores dos quais se destacam Paul Watzlawick, Janet Beavin, Don Jackson e Gregory Bateson, efetuou alguns estudos importantes nesta área. Watzlawick, Beavin e Jackson (1993) desenvolveram o Modelo da Pragmática da Comunicação Humana que assenta em cinco axiomas, proposições básicas sobre aspetos funcionais da comunicação: 1º é impossível não comunicar; 2º toda a comunicação

tem dois níveis, conteúdo e relação, sendo que o segundo classifica o primeiro e é, por isso, uma metacomunicação; 3º a comunicação varia consoante a pontuação da sequência de eventos, ou seja, a compreensão da comunicação dependerá do modo como esta é pontuada uma vez que “a pontuação organiza os eventos comportamentais e, portanto, é vital para as interações em curso” (Watzlawick et al., 1993, p. 51); 4º a comunicação tem uma vertente digital e uma vertente analógica; e 5º a comunicação tem dois tipos de interação: simétrica ou complementar. Este modelo esteve na base da compreensão de alguns estudos efetuados com mães de pacientes esquizofrénicos (Bateson, Jackson, Haley, & Weakland, 1956; Cullin, 2006).

Face à importância dos padrões comunicacionais no desenvolvimento individual e familiar, surgiu um conjunto diversificado de modelos teóricos que se debruçam sobre a compreensão do funcionamento familiar e da comunicação intrafamiliar (Beavers & Hampson, 2000; Miller, Ryan, Keitner, Bishop, & Epstein, 2000; Olson, 2000; Skinner, Steinhauer, & Sitarenios, 2000; Wilkinson, 2000). Estas abordagens dão ênfase às propriedades sistémicas da família como um todo, focando-se nas suas forças e competências, em detrimento do foco nas características intrapsíquicas dos indivíduos que compõem a família. Com base nestes modelos foram desenvolvidos estudos empíricos e escalas de avaliação do funcionamento familiar. Porém, estas escalas revelam-se insuficientes para a avaliação da comunicação familiar, apresentando algumas limitações, tais como: (a) estes modelos não têm uma definição convergente sobre a comunicação familiar, facto que suscita algumas questões relacionadas com a validade do constructo que está a ser medido; (b) os procedimentos levados a cabo para definir as dimensões que cada modelo avalia não estão clarificados; (c) os instrumentos de avaliação desenvolvidos focam-se na adolescência (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002; Tomé, Gaspar de Matos, Camacho, Simões, & Diniz, 2012; Tribuna, 2000), ficando por abarcar as faixas etárias mais novas (e.g., crianças em idade escolar); (d) nenhuma das medidas apresentadas foi desenvolvida especificamente para avaliar a comunicação parento-filial numa perspetiva multidimensional e em diferentes etapas do ciclo vital; e (e) estes instrumentos de avaliação não estão traduzidos nem adaptados para a população Portuguesa.

Em Portugal, existem poucos estudos sobre este tema. Uma possível explicação prende-se com a inexistência de escalas específicas e validadas que analisem a comunicação parento-filial. Esta foi a principal razão que motivou a construção da escala COMPA, tornando-a num instrumento inovador no sentido de suprir algumas necessidades de cariz clínico e de investigação.

2. Estudos realizados

Como foi desenvolvido e validado?

O desenvolvimento da COMPA foi efetuado de acordo com três etapas: (a) revisão da literatura teórica e empírica, (b) estudo misto (qualitativo/quantitativo) sobre a comunicação parento-filial e (c) validação da COMPA para a população Portuguesa.

Numa primeira fase, foi necessário rever a literatura sobre o tema no sentido de caracterizar o constructo “comunicação familiar” e identificar dimensões consideradas relevantes para a sua análise no contexto da parentalidade (Barnes & Olson, 1985; Cummings & Cummings, 2002; Floyd & Morman, 2003; Herbert, 2004; Segrin & Flora, 2005; Watzlawick et al., 1993). Com base nesta revisão, foi elaborada uma entrevista semiestruturada para analisar as perceções, opiniões e experiências pessoais sobre a comunicação parento-filial em quatro grupos constituídos por cinco elementos cada: (a) pais de crianças com idades entre os 7 e os 11 anos, (b) pais de jovens com idades entre os 12 e os 16 anos, (c) crianças com idades entre os 7 e os 11 anos e (d) jovens com idades entre os 12 e os 16 anos. A aplicação desta entrevista foi realizada de acordo com duas modalidades, em função da disponibilidade dos participantes: em formato individual para os pais e mães e em formato de grupo focal (*focus group*) para os filhos. A justificação pela opção por estas duas modalidades prende-se com o facto de as entrevistas individuais terem como principal objetivo a exploração da perspetiva de um indivíduo, considerado perito sobre o tema em investigação, no sentido de captar os seus sentimentos, opiniões e experiências (Milena, Dainora, & Alin, 2008). Por sua vez, os grupos focais permitem uma discussão interativa entre indivíduos

selecionados para integrar o grupo no sentido de gerar discussão e reflexão sobre percepções, pensamentos e impressões acerca do tema sob análise (Milena et al., 2008). Apesar das particularidades inerentes a cada uma destas metodologias, considera-se que ambas as opções são igualmente válidas para a exploração da temática da comunicação pais-filhos (Hill & Hill, 2009; Milena et al., 2008). O roteiro de entrevista destinado aos pais/mães foi dividido em sete tópicos de discussão: (a) definição do conceito de comunicação, (b) objetivos da comunicação, (c) facilidade/dificuldade na comunicação com os filhos, (d) temas-alvo de comunicação com os filhos, (e) comunicação dos sentimentos/emoções, (f) expressão do afeto e (g) imposição de regras e limites. Por sua vez, o roteiro de entrevista aplicado aos grupos focais contemplou os mesmos tópicos de discussão, mas na perspectiva dos filhos. O roteiro incluiu questões como: “Partilha habitualmente os seus sentimentos com os seus filhos?” ou “Que assuntos são mais fáceis de partilhar com os teus pais?”.

Num segundo momento, foi realizada a análise qualitativa/quantitativa do conteúdo das entrevistas com recurso ao *software* NVivo8. Para tal, de acordo com a proposta de Miles e Huberman (1994), as entrevistas foram transcritas e analisadas em detalhe, procurando-se identificar e codificar as palavras-chave e, por fim, distribuí-las por categorias. A partir desta análise foram agrupadas sete dimensões conceituais transversais e semelhantes que parecem caracterizar a comunicação parento-filial (Portugal & Alberto, 2013), nomeadamente: o afeto, a atitude filial, a atitude parental, o estabelecimento de regras e limites, a metacomunicação, a partilha de situações problemáticas e os problemas comunicacionais. No sentido de garantir a coerência desta análise qualitativa/quantitativa, foi analisado o acordo intercodificadores, realizado por dois observadores independentes com formação em Psicologia. O teste estatístico Cohen’s Kappa revelou um acordo de .79, considerado um valor excelente na literatura (Zwick, 1988).

As sete dimensões derivadas do estudo qualitativo/quantitativo sustentaram a etapa seguinte da construção da COMPA, ou seja, o desenvolvimento de um conjunto vasto de itens que foram discutidos e refletidos com três investigadores especializados em temáticas

relacionadas com a família. Desta discussão resultaram alguns comentários positivos: os itens foram considerados de fácil leitura, compreensíveis e, inclusivamente, úteis para quem responde, uma vez que permitem a autorreflexão sobre a postura que se adota na comunicação com o outro. No entanto, foram feitas algumas sugestões no sentido de alterar a formulação de alguns itens e clarificar as instruções de preenchimento da COMPA. Com base nestes resultados foram construídas as primeiras versões da escala: COMPA-P com 71 itens, COMPA-A com 65 itens e COMPA-C com 39 itens.

Por fim, foi realizada a validação da COMPA para a população portuguesa com uma amostra composta por 1422 sujeitos (803 progenitores e 619 filhos). As propriedades psicométricas das subversões da escala COMPA foram analisadas através de estudos de: (a) análise fatorial exploratória, (b) análise fatorial confirmatória, (c) análise da consistência interna e (d) correlações entre as escalas.

Estudos de precisão

Precisão da COMPA-P

No âmbito dos estudos de evidência de precisão da COMPA-P foram realizadas análises de consistência interna para a escala total e para as diferentes subescalas. Inicialmente, a consistência interna foi analisada para o conjunto de 71 itens, verificando-se um alfa de Cronbach global de .77. Depois de removidos 27 itens, com correlações com o total da escala inferiores a .30, o alfa de Cronbach global passou a .91, valor considerado excelente pela literatura (Nunnally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunnally (1978) os valores do coeficiente de alfa de Cronbach para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (Fator 1: .82; Fator 2: .73; Fator 3: .73; Fator 4: .75; Fator 5: .62).

Alguns autores defendem que o cálculo do coeficiente de alfa deve ser complementado pela análise dos valores das correlações médias inter-item, uma vez que um elevado valor de alfa pode significar re-

dundância e não uma adequada consistência interna. Os valores da correlação média interitem para a escala global e para as subescalas (intervalo: .33 a .57) estão dentro dos valores recomendados por Briggs e Cheek (1986).

Precisão da COMPA-A

Inicialmente, a consistência interna foi analisada para o conjunto de 65 itens, obtendo-se um alfa de Cronbach global de .85. Depois de removidos 26 itens, com correlações com o total da escala inferiores a .30, o alfa de Cronbach global passou a .94, valor considerado excelente pela literatura (Nunnally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunnally (1978) os valores do coeficiente de alfa de Cronbach para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (Fator 1: .87; Fator 2: .87; Fator 3: .84; Fator 4: .81; Fator 5: .65). Por sua vez, os valores da correlação média interitem para a escala global e subescalas variam entre .30 e .57. Estes valores são ligeiramente superiores aos níveis considerados aceitáveis (entre .20 e .40) por Briggs e Cheek (1986).

Precisão da COMPA-C

O alfa de Cronbach global para o conjunto inicial de 35 itens foi de .65. Depois de removidos 16 itens, com correlações com o total da escala inferiores a .30, o alfa de Cronbach global passou a .88, valor considerado bom pela literatura (Nunnally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunnally (1978) os valores do coeficiente de alfa de Cronbach para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (Fator 1: .84; Fator 2: .78). Por sua vez, os valores da correlação média interitem para a escala global e subescalas variam entre .32 e .41, níveis considerados aceitáveis por Briggs e Cheek (1986).

Para além dos coeficientes alfas de Cronbach por versões e dimensões do COMPA, os valores de consistência interna foram também analisados atendendo à variável sexo. Como se pode verificar no Quadro 2, os coeficientes alfa de *Cronbach* por sexo demonstram também valores aceitáveis para investigação (Briggs & Cheek, 1986), variando entre .52 e .87.

Quadro 2.

Coeficiente alfa de Cronbach das versões COMPA em função do sexo

Dimensões	I	II	III	IV	V
COMPA-P					
Mãe	.80	.76	.73	.75	.55
Pai	.86	.75	.72	.78	.52
COMPA-A					
Mãe	.86	.87	.87	.80	.69
Pai	.83	.85	.86	.83	.62
COMPA-C					
Mãe	.82	.76	-	-	-
Pai	.86	.78	-	-	-

Estudos de validade interna

Validade da COMPA-P: Análise fatorial exploratória

Inicialmente, verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-P, o que foi confirmado através dos índices de KMO = .94 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 (946) = 10282.662$, $p < .001$. O *scree-plot* revelou vários fatores para a versão COMPA-P, sendo que os cinco primeiros foram os que mais se destacaram e, por esse motivo, foram tomados como referência. Assim, a rotação *Varimax* revelou uma estrutura fatorial constituída por cinco fatores que explicam 42.0% da variância, e não por sete fatores como se previa no estudo qualitativo que deu origem à escala COMPA-P. A partir da análise dos itens de cada um dos fatores, as dimensões passaram a designar-se da seguinte forma (Quadro 3): Fator 1 - Expressão do Afeto e Apoio Emocional, Fator 2 - Disponibilidade Parental para a Comunicação, Fator 3 - Metacomunicação, Fator 4 - Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos e Fator 5 - Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores.

Quadro 3.

Matriz rodada e alfa de Cronbach: COMPA-P (Rotação Varimax)

Nº	Descrição do Item	Saturação	α com eliminação do item
Fator 1 – Expressão do Afeto e Apoio Emocional			.821
% Variância explicada = 9,9%			
10	O meu filho é muito atencioso...	.40	.907
17	Digo ao meu filho aquilo...	.36	.910
18	Gosto de dar beijos...	.66	.908
19	É fácil dizer...	.41	.908
20	Explico as regras...	.44	.908
28	Digo ao meu filho que...	.64	.907
29	Eu e o meu filho estamos de acordo...	.56	.908
30	Quando converso com o meu filho esforço-me...	.43	.908
34	O meu filho gosta...	.47	.906
37	Procuo animar o meu filho...	.64	.907
39	Preocupo-me com...	.66	.908
44	O meu filho gosta de me surpreender...	.34	.907
Fator 2 – Disponibilidade Parental para a Comunicação			.732
% Variância explicada = 9,8%			
9	O meu filho está disponível...	.57	.907
11	É fácil impor...	.62	.909
24	Sinto-me satisfeito...	.45	.907
26	O meu filho entende...	.50	.907
31	Quando eu e o meu filho nos zangamos...	-.56	.909
40	O meu filho fala comigo...	.51	.907
42	Quando surge uma discussão...	.59	.907
43	Sinto-me sozinho quando é necessário...	-.50	.913
Fator 3 – Metacomunicação			.725
% Variância explicada = 8%			
3	Procuo escolher as palavras...	.30	.909
5	Quando o meu filho me faz perguntas...	.49	.909
22	Quando eu e o meu filho temos algum problema...	.43	.906
23	Tento compreender...	.52	.907
25	Sou capaz de dizer ao meu filho...	.51	.910
33	Perante o meu filho...	.44	.910
35	Quando nego algum pedido...	.65	.909
38	Quando o meu filho não está a compreender o que digo...	.59	.907
Fator 4 – Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos			.753
% Variância explicada = 7,2%			
2	Sinto que posso confiar no meu filho e contar-lhe...	.72	.908
4	Eu sei que posso contar...	.58	.908
6	Sinto que posso confiar...	.46	.907
7	Quando quero falar sobre alguma coisa...	.74	.909
8	Converso com o meu filho sobre...	.43	.908
27	Acredito que o meu filho será...	.41	.909
41	Converso com o meu filho quando...	.64	.908

Fator 5 – Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores			.615
% Variância explicada = 6.9%			
12	Sei como o meu filho se sente...	.53	.909
13	Compreendo aquilo que o meu filho...	.41	.907
14	Compreendo os problemas...	.48	.907
15	Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo...	.61	.907
16	O meu filho vem conversar comigo...	.62	.907
21	Gostava que o meu filho fosse...	.34	.917
32	O meu filho conversa comigo sobre...	.44	.906
Total COMPA-P			.910

Validade da COMPA-A: Análise fatorial exploratória

Os índices de KMO = .96 e do Teste de Esfericidade de *Bartlett*, $\chi^2(741) = 10091.742$, $p < .001$ confirmaram a adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-A. O *scree-plot* revelou vários fatores para a versão COMPA-A, sendo que os cinco primeiros foram os que mais se destacaram e, por esse motivo, foram tomados como referência. Assim, a rotação *Varimax* produziu uma estrutura fatorial constituída por cinco fatores que explicam 59.7% da variância, à semelhança do que aconteceu na COMPA-P. A estrutura fatorial final (Quadro 4) ficou composta por: Fator 1 - Disponibilidade Parental para a Comunicação, Fator 2 - Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores, Fator 3 - Expressão do Afeto e Apoio Emocional, Fator 4 - Metacomunicação, e Fator 5 - Padrão Comunicacional Negativo.

Quadro 4.

Matriz rodada e alfa de Cronbach: COMPA-A (Rotação Varimax)

Nº	Descrição do Item	Saturação	α com eliminação do item
Fator 1 – Disponibilidade Parental para a Comunicação			.865
% Variância explicada = 16.3%			
4	Eu e o/a meu/minha pai/mãe procuramos a melhor maneira...	.54	.941
9	O/a meu/minha pai/mãe conta-me histórias...	.56	.943
10	Posso confiar no/na meu/minha pai/mãe...	.51	.941
11	O/a meu/minha pai/mãe compreende...	.50	.941
12	O/a meu/minha pai/mãe diz-me...	.63	.942
13	O/a meu/minha pai/mãe dá-me...	.63	.941
14	O/a meu/minha pai/mãe gosta...	.53	.942

15	Quando falo com o/a meu/minha pai/mãe ele/ela ouvi-me...	.69	.941
16	O/a meu/minha pai/mãe tenta...	.64	.941
17	O/a meu/minha pai/mãe preocupa-se...	.54	.941
18	Quando preciso de conversar com o/a meu/minha pai/mãe...	.58	.941
19	O/a meu/minha pai/mãe explica-me...	.56	.942
20	O/a meu/minha pai/mãe gosta...	.54	.941
21	Quando faço perguntas ao/à meu/minha pai/mãe...	.53	.941
Fator 2 – Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores			.873
% Variância explicada = 11.9%			
1	Sinto-me bem com as conversas...	.48	.942
2	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre...	.59	.942
3	Converso com o/a meu/minha pai/mãe quando...	.76	.942
7	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre...	.76	.941
30	Quando tenho preocupações (e.g., violência) converso...	.55	.942
33	É fácil para mim dizer ao/à meu/minha pai/mãe...	.50	.942
34	Converso mais com o/a meu/minha pai/mãe...	.61	.942
Fator 3 – Expressão do Afeto e Apoio Emocional			.838
% Variância explicada = 10.8%			
23	Gosto de dar beijos...	.60	.942
29	Digo ao/à meu/minha pai/mãe que...	.70	.941
31	Procuro alegrar o/a meu/minha pai/mãe...	.58	.941
35	Sei que posso conversar com o/a meu/minha pai/mãe...	.61	.941
39	O/a meu/minha pai/mãe sabe que também...	.65	.941
Fator 4 – Metacomunicação			.805
% Variância explicada = 9.6%			
8	Quando converso com o/a meu/minha pai/mãe...	.49	.943
22	Costumo respeitar e estar de acordo...	.44	.942
24	O/a meu/minha pai/mãe explica...	.47	.942
25	Sinto que o/a meu/minha pai/mãe conversa...	.54	.941
27	Quando não percebo o que o/a meu/minha pai/mãe...	.54	.941
28	Entendo o que o/a meu/minha pai/mãe...	.64	.942
32	Quando eu e o/a meu/minha pai/mãe discutimos...	.62	.943
36	Quando faço alguma coisa errada digo...	.56	.942
37	O/a meu/minha pai/mãe sabe que...	.36	.942
Fator 5 – Padrão Comunicacional Negativo			.650
% Variância explicada = 8.6%			
5	Eu e o/a meu/minha pai/mãe ficamos...	-.64	.948
6	Minto...	-.63	.947
26	Quando tenho algum problema...	-.58	.950
38	Tenho dificuldade em acreditar...	-.66	.948
Total COMP-A			.944

Validade da COMPA-C: Análise fatorial exploratória

A adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-C foi confirmada através dos índices de KMO = .92 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 (120) = 3112.326, p < .001$. O *scree-plot* revelou vários fatores para a versão COMPA-C, sendo que os dois primeiros foram os que mais se destacaram e, por esse motivo, foram tomados como referência. Assim, a rotação *Varimax* produziu uma estrutura fatorial constituída por dois fatores que explicam 44.6% da variância. A estrutura fatorial ficou então composta por (Quadro 5): Fator 1 - Disponibilidade Parental para a Comunicação e Fator 2 - Expressão do Afeto e Apoio Emocional.

Quadro 5.

Matriz rodada e alfa de Cronbach: COMPA-C (Rotação Varimax)

Nº	Descrição do Item	Saturação	α com eliminação do item
Fator 1 – Disponibilidade Parental para a Comunicação			.842
% Variância explicada = 37.3%			
3	O/a meu/minha pai/mãe compreende...	.58	.867
4	O/a meu/minha pai/mãe diz-me...	.50	.873
5	O/a meu/minha pai/mãe dá-me...	.72	.871
6	Quando falo com o/a meu/minha pai/mãe...	.69	.872
7	O/a meu/minha pai/mãe tenta...	.74	.871
8	O/a meu/minha pai/mãe preocupa-se...	.65	.869
9	O/a meu/minha pai/mãe ouve-me...	.56	.870
12	Quando não percebo o que o/a meu/minha pai/mãe...	.57	.876
Fator 2 – Expressão do Afeto e Apoio Emocional			.784
% Variância explicada = 7.2%			
1	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre...	.59	.871
2	Converso com o/a meu/minha pai/mãe...	.69	.868
10	O/a meu/minha pai/mãe explica-me...	.48	.875
11	O/a meu/minha pai/mãe explica-me o que sente quando...	.60	.873
13	Entendo o que o/a meu/minha pai/mãe...	.51	.876
14	O/a meu/minha pai/mãe diz-me...	.52	.874
15	Quando tenho preocupações (e.g., violência)...	.70	.874
16	É fácil para mim dizer...	.58	.879
Total COMPA-C			.879

Validade COMPA's: Análise fatorial confirmatória

Depois de determinada a composição fatorial das versões da COMPA com base nos estudos de análise fatorial exploratória, foram realizadas análises confirmatórias das estruturas fatoriais encontradas. Para efetuar essas análises recorreu-se ao *software* AMOS 18. Para o teste de ajuste do modelo proposto foram analisados os seguintes índices: χ^2 , *CFI* (*Comparative Fit Index*), *RMSEA* (*Root Mean Square Error of Approximation*) e *IFI* (*Incremental Fit Index*). De acordo com Schermelleh-Engel, Moosbrugger, e Müller (2003), os valores $\chi^2 \leq 3 \text{ gl}$, *RMSEA* ≤ 0.08 , e *CFI/IFI* ≥ 0.95 indicam um ajuste aceitável do modelo, enquanto que os valores $\chi^2 \leq 2 \text{ gl}$, *RMSEA* ≤ 0.05 , e *CFI/IFI* ≥ 0.97 indicam um bom ajuste do modelo. A supremacia de um modelo sobre o outro foi determinada através das médias do critério *AIC* (*Akaike's information criterion*). Para as três versões da COMPA foram comparados dois modelos fatoriais: um modelo oblíquo, no qual os itens estão distribuídos por fatores e estes, por sua vez, estão relacionados entre si (Modelo 1) e um modelo de um único fator, no qual todos os itens são indicadores da variável latente “comunicação parento-filial” (Modelo 2). Tal como pode ser visto na Quadro 6, de acordo com os índices referidos (*RMSEA*, *CFI/IFI*), a COMPA-P e COMPA-A apresentam um bom ajuste em todos os índices e a COMPA-C apresenta um ajuste aceitável. De acordo com o *AIC*, constata-se que o Modelo 1 é superior ao Modelo 2, isto é, os modelos oblíquos explicam em melhor medida a estrutura fatorial das versões da escala COMPA, confirmando os dados da análise fatorial exploratória.

Quadro 6.

Análise fatorial confirmatória: COMPA-P, COMPA-C e COMPA-A

		χ^2 (gl)	<i>RMSEA</i> (90%CI)	[CI]	<i>CFI</i>	<i>IFI</i>	<i>AIC</i>
COMPA-P	1 Fator	428.26 (54)	.09	[.085 ; .101]	.89	.89	500.26
	5 Fatores	143.83 (44)	.05	[.044 ; .063]	.97	.97	235.83
COMPA-C	1 Fator	136.08 (20)	.09	[.079 ; .109]	.92	.92	184.08
	2 Fatores	77.47 (19)	.06	[.053 ; .085]	.96	.96	127.47
COMPA-A	1 Fator	324.97 (65)	.09	[.077 ; .096]	.93	.93	402.97
	5 Fatores	150.39 (55)	.05	[.046 ; .068]	.98	.98	248.39

Nota. Comparação do modelo: para cada versão, o “melhor” modelo (i.e. com menor valor de *AIC*) encontra-se em *itálico*.

Outros estudos de validade realizados em Portugal

A COMPA é um instrumento recente e, por esse motivo, pouco aplicado no contexto da investigação. No entanto, destacam-se dois estudos de validação efetuados no nosso país: um dos estudos analisa a comunicação, resiliência e a perceção dos estilos parentais numa amostra de adolescentes e o outro, ainda em curso, analisa a comunicação entre pais e filhos em processo de regulação das responsabilidades parentais.

Estudo I

Comunicação, resiliência e perceção dos estilos parentais nos adolescentes

O estudo elaborado por Silva (2012) teve como principal objetivo analisar a relação entre a resiliência percebida por adolescentes entre os 12 e 15 anos (que frequentam a escolaridade obrigatória) e as relações que existem entre esta e a perceção dos estilos e da comunicação parental. Especificamente, o estudo partiu do princípio de que adolescentes com melhor perceção de resiliência tendem a perceber estilos parentais e comunicacionais mais positivos relativamente aos seus progenitores.

Para elaborar este estudo, a autora recorreu a uma amostra por conveniência composta por 135 adolescentes 34,8% ($n = 47$) rapazes e 65,2% ($n = 88$) raparigas, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, sendo a média das idades de 13 anos. Estes participantes eram alunos do 7º, 8º e 9º ano de escolaridade do Colégio de São Martinho em Coimbra.

Este estudo, de cariz quantitativo e transversal, recorreu a alguns instrumentos para além da COMPA, nomeadamente o *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (EMBU-A; Lacerda, 2005) e a *Resilience Scale* (RS; Wagnild & Young, 1993). Em termos de análises estatísticas, foi efetuado o estudo da consistência interna dos itens dos instrumentos e análises estatísticas não paramétricas para comparação das médias dos grupos (e.g., teste inferencial de *Kruskall-Wallis*, teste inferencial *U de Mann-Whitney*).

A análise da consistência interna da COMPA-A revelou índices semelhantes aos do estudo de validação original da COMPA-A, tal como se pode

ver no Quadro 7. Para além disto, os resultados deste estudo confirmam a hipótese prévia: os adolescentes que nunca reprovaram, que têm estilos parentais centrados no suporte emocional e que têm uma percepção satisfatória da comunicação apresentam valores elevados de resiliência.

Quadro 7.

Coefficientes alfas de Cronbach da escala COMPA-A: Estudo original vs. estudo I

Alfa de Cronbach	Fator I	Fator II	Fator III	Fator IV	Fator V
Estudo Original (Portugal & Alberto, 2013)	.86	.87	.83	.80	.65
Estudo I (Silva, 2012)	.92	.88	.88	.83	.62

Estudo II

Comunicação parento-filial em famílias pós-divórcio

Atualmente, a escala COMPA está a ser utilizada para um outro estudo de validação subjacente a dois objetivos: (a) identificação de diferenças estatisticamente significativas entre famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio, ao nível da comunicação, e (b) análise do efeito preditor da comunicação sobre as práticas parentais.

A amostra que constitui este estudo é composta por dois sub-grupos: famílias nucleares intactas ($n = 102$) e famílias pós-divórcio (em processo ativo de Regulação das Responsabilidades Parentais) ($n = 48$). Tratou-se de uma amostragem por conveniência com a colaboração da Equipa Multidisciplinar de Apoio ao Tribunal de Família e Menores de Coimbra e do Porto e com o Centro de Prestação de Serviços à Comunidade da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. A idade dos pais varia entre os 26 e os 57 anos e a idade dos filhos encontra-se no intervalo dos 7 aos 16 anos.

A análise estatística será efetuada recorrendo a testes de comparação de médias e a modelos de regressão linear múltipla com o intuito de obter modelos parcimoniosos que permitam prever as práticas parentais em função das dimensões comunicacionais.

3. Aplicação

Como aplicar, cotar e interpretar?

Sendo a escala COMPA um instrumento de auto-resposta, permite uma aplicação autónoma e individual. Por este motivo, deve ser respondida por indivíduos alfabetizados e sem perturbações do foro psíquico. A COMPA pode ser aplicada a qualquer responsável pelo cuidado da criança, no entanto, foi desenvolvida e validada especificamente para aplicação aos pais. O tempo de resposta do instrumento é variável em função das competências cognitivas do respondente. Desta forma, o tempo de preenchimento da versão parental e da versão filhos com idades entre os 12 e os 16 anos pode variar entre os 15 e os 20 minutos; o preenchimento da versão para os filhos mais pequenos (7 aos 11 anos) tende a ser mais prolongado, oscilando entre os 30 a 40 minutos. As três versões da escala COMPA são respondidas numa escala de *Likert* com cinco níveis (1 = *Nunca*; 2 = *Raramente*; 3 = *Às vezes*; 4 = *Muitas vezes*; 5 = *Sempre*). Para efetuar a cotação dos resultados por subescala das três versões da escala COMPA, somam-se os itens e divide-se pelo total de itens da escala. Quanto mais elevada for a pontuação em cada subescala melhor é a perceção da comunicação parento-filial. No entanto, a quinta dimensão da COMPA-A é composta por itens negativos e, por esse motivo, resultados elevados nesta subescala revelam uma perceção negativa sobre a comunicação parento-filial.

Interpretação e estatísticas descritivas da COMPA-P

As médias e os desvios-padrão das pontuações das cinco subescalas para os progenitores encontram-se no Quadro 8. Os valores disponibilizados resultam da soma das pontuações por subescala e da divisão do valor obtido pelo total de itens de cada subescala permitindo, assim, a comparação dos resultados entre subescalas independentemente do número de itens que as compõem. A subescala Expressão do Afeto e Apoio Emocional apresenta as pontuações mais elevadas (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 4.25 e 4.42),

sendo que a subescala Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores apresenta as pontuações mais baixas (pontuações médias dos itens de 3.78 para o pai e de 3.99 para a mãe). Assim, constata-se que as mães tendem a perceber mais positivamente a comunicação em todas as suas dimensões (exceto na dimensão Disponibilidade Parental para a Comunicação, onde os pais obtêm um resultado ligeiramente superior ao das mães) comparativamente aos pais do sexo masculino.

Quadro 8.

Estatísticas descritivas das subescalas da COMPA-P

Subescalas		M	DP
COMPA-P			
I. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Pai	4.25	0.48
	Mãe	4.42	0.38
II. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Pai	4.06	0.50
	Mãe	4.03	0.48
III. Metacomunicação	Pai	4.18	0.48
	Mãe	4.28	0.46
IV. Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos	Pai	3.78	0.58
	Mãe	3.89	0.47
V. Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores	Pai	3.78	0.51
	Mãe	3.99	0.46

Nota. n Pai = 126-140; n Mãe = 639-652.

Interpretação e estatísticas descritivas da COMPA-A

As médias e os desvios-padrão das pontuações das cinco subescalas para os adolescentes encontram-se no Quadro 9. A análise destes dados foi realizada para pais e mães em separado. Deste modo, são apresentados os dados dos adolescentes em relação ao pai e em relação à mãe.

As pontuações mais elevadas na COMPA-A registadas pelos adolescentes do sexo masculino ocorreram na subescala Disponibilidade Parental para a Comunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 3.98 e 4.12), enquanto as mais baixas se registaram na subescala Padrão Comunicacional Negativo (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.90 e 3.06).

Por sua vez, as adolescentes obtiveram resultados semelhantes: a pontuação mais elevada foi registada na subescala Disponibilidade Parental para a Comunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 3.96 e 4.22) e as mais baixas na subescala Padrão Comunicacional Negativo (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 3.85 e 3.92). Estes valores indicam que tanto os adolescentes do sexo masculino como os adolescentes do sexo feminino, percecionam maior interação comunicacional por parte da mãe, exceto na dimensão Padrão Comunicacional Negativo, onde os valores dos rapazes são mais elevados para os pais e os valores das adolescentes são ligeiramente superiores para as mães.

Quadro 9.

Estatísticas descritivas das subescalas da COMPA-A

Subescalas		M	DP	M	DP
COMPA-A					
		Masculino		Feminino	
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	3.98	0.69	3.96	0.74
	Em relação à Mãe	4.12	0.70	4.22	0.63
II. Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores	Em relação ao Pai	3.25	0.72	2.93	0.80
	Em relação à Mãe	3.63	0.78	3.80	0.77
III. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.80	0.89	3.73	0.93
	Em relação à Mãe	4.06	0.77	4.17	0.80
IV. Metacomunicação	Em relação ao Pai	3.63	0.68	3.58	0.66
	Em relação à Mãe	3.77	0.72	3.86	0.68
V. Padrão Comunicacional Negativo	Em relação ao Pai	3.90	0.62	3.85	0.64
	Em relação à Mãe	3.06	0.71	3.92	0.63

Nota. *n* Adolescentes sexo masculino = 117-120; *n* Adolescentes sexo feminino = 128-141.

Interpretação e estatísticas descritivas da COMPA-C

As médias e os desvios-padrão das pontuações das duas subescalas para as crianças em idade escolar encontram-se no Quadro 10. À semelhança do que foi feito na COMPA-A, esta análise foi realizada para os pais e mães em separado.

Verifica-se que as crianças do sexo masculino pontuam mais na subescala Disponibilidade Parental para a Comunicação (as pontuações médias

dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 4.31 e 4.52) e, em segundo lugar, na subescala Expressão do Afeto e Apoio Emocional (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 3.84 e 4.17). O mesmo acontece com as pontuações das crianças do sexo feminino, ou seja, as meninas tendem a pontuar mais na subescala Disponibilidade Parental para a Comunicação (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 4.50 e 4.65) e, só depois, na subescala Expressão do Afeto e Apoio Emocional (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 3.91 e 4.29). À semelhança do que aconteceu na COMPA-A, estes valores indicam que as crianças de ambos os sexos percebem maior interação comunicacional por parte da mãe do que do pai.

Quadro 10.

Estatísticas descritivas das subescalas da COMPA-C

Subescalas		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
COMPA-C					
		Masculino		Feminino	
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	4.31	0.53	4.50	0.52
	Em relação à Mãe	4.52	0.50	4.65	0.46
II. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.84	0.72	3.91	0.63
	Em relação à Mãe	4.17	0.61	4.29	0.60

Nota. *n* Crianças sexo masculino = 130-137; *n* Crianças sexo feminino = 173-180.

4. Vantagens, limitações e estudos futuros

Sendo um instrumento pioneiro em Portugal, a utilização da escala COMPA apresenta-se vantajosa em diversos contextos. Sustentada numa base teórica sólida, esta escala apresenta boas qualidades psicométricas, permitindo avaliar a comunicação de forma multidimensional, de acordo com duas etapas distintas do ciclo vital da família (versão para crianças em idade escolar e versão para adolescentes) e recorrendo a diferentes perspetivas (pais e filhos). Por outro lado, ao avaliar a perceção de pais e de filhos sobre a comunicação que mantêm entre si, permite identificar a existência de eventuais discrepâncias que possam estar na base de

mal-entendidos e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento de padrões comunicacionais filio-parentais positivos que assegurem comportamentos adequados e uma boa saúde mental (Miller-Day & Kam, 2010). Além disto, trata-se de uma escala de auto-resposta que se debruça sobre temáticas quotidianas das relações parento-filiais tornando, assim, o seu preenchimento rápido e intuitivo. Deste modo, a COMPA pode ser aplicada em três contextos distintos: avaliação, intervenção e investigação. De forma mais específica, o instrumento permite: (a) efetuar a avaliação da comunicação na díade pai/mãe-filho/filha e entre ambos os pais, (b) avaliar a comunicação parento-filial em diferentes momentos (e.g., antes e depois de uma intervenção clínica ou em processos de cariz forense, por exemplo, em processos de regulação das responsabilidades parentais, onde a avaliação da comunicação parento-filial se revela uma dimensão central para compreender o exercício da parentalidade), (c) monitorizar as atitudes que possam melhorar a relação comunicacional entre pais e filhos, e (d) o desenvolvimento de estudos empíricos centrados na comunicação parento-filial. Assim, a COMPA pode ser útil para a elaboração de programas de educação parental, ou para o desenvolvimento de grupos psicoeducativos com diversas tipologias familiares.

Apesar destas vantagens, há que considerar algumas limitações, uma vez que se trata de um instrumento que procura medir as perceções dos indivíduos, sendo esta uma medida abstrata e variável em função do respondente. Além disto, a escala COMPA é um instrumento de avaliação recente, tendo poucos estudos de validação que confirmam um carácter mais robusto aos resultados. Assim, seria importante promover alguns procedimentos de validação, nomeadamente, estabilidade temporal, validade discriminante e validade convergente (Pasquali, 2007). De acordo com Pasquali (2007) “a validade responde se algo é verdadeiro ou falso (...) diz respeito a um problema ontológico” (p. 105). Desta forma, seria útil aprofundar os testes de validade da COMPA no sentido de garantir o mais que possível que o instrumento mede realmente a comunicação entre progenitores e filhos. Para tal, avaliar este constructo em momentos distintos do tempo, assim como, analisar a sua correlação com outros instrumentos e com várias amostras distintas (e.g., famílias pós-divórcio,

famílias adotivas, famílias com um elemento com psicopatologia ou doença crónica) permitiria garantir diferentes dimensões da validade.

Neste sentido, a investigação futura deve incluir: (a) a validação das três versões da escala em grupos específicos da população portuguesa, (b) a tradução e adaptação do instrumento para outros países, e (c) o desenvolvimento de uma versão da COMPA para crianças em idade pré-escolar.

5. Bibliografia

- Barnes, L. H., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Child Development*, 56, 438-447. doi:10.1111/1467-8624.ep7251647
- Bateson, G., Jackson, D. D., Haley, J., & Weakland, J. (1956). Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science*, 1, 251-264. doi:10.1002/bs.3830010402
- Beavers, R., & Hampson, R. B. (2000). The Beavers Systems Model of Family Functioning. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 128-143. doi:10.1111/1467-6427.00143
- Bornstein, M. (Ed.) (2002). *Handbook of parenting. Volume 3: Being and becoming a parent*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Briggs, S. R., & Cheek, J. M. (1986). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales. *Journal of Personality*, 54(1), 106-149. doi:10.1111/1467-6494.ep8970518
- Cullin, J. (2006). Double bind: Much more than just a step toward a theory of schizophrenia'. *Australian & New Zealand Journal of Family Therapy*, 27(3), 135-142.
- Cummings E. M., & Cummings, J. S. (2002). Parenting and Attachment. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting - Volume V. Practical Issues in Parenting* (2nd ed, pp. 35-58). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Floyd, K., & Morman, M. T. (2003). Human affection exchange: II. Affectionate communication in father-son relationships. *Journal of Social Psychology*, 143(5), 599-612.
- Herbert, M. (2004). Parenting across the lifespan. In M. Hoghughi, & N. Long, (Eds.), *Handbook of parenting. Theory and research for practice*. London: Sage s.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2009). *Investigação por questionário*. (2^a ed.). Lisboa: Sílabo.
- Jiménez, A. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18(2), 215-231.
- Lacerda de Almeida, M. I. (2005). *A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: Implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping*. Tese de Mestrado em Psicologia, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Milena, Z., Dainora, G., & Alin, S. (2008). Qualitative research methods: A comparison between focus-groups and in-depth interview. *Annals of the University of Oradea, Economic Science Series*, 17(4), 1279-1283.
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook*. (2nd ed.). Thousand Oaks: Sage.
- Miller, I. W., Ryan, C. E., Keitner, G. I., Bishop, D. S., & Epstein, N. B. (2000). The McMaster approach to families: Theory, assessment, treatment and research. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 168-189. doi:10.1111/1467-6427.00145

- Miller-Day, M., & Kam, J. A. (2010). More than just openness: Developing and validating a measure of targeted parent-child communication about alcohol. *Health Communication, 25*, 293-302.
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy, 22*(2), 144-167.
- Pasquali, L. (2007). Validade dos testes psicológicos: Será possível reencontrar o caminho? *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23*, 99-107.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2013). A comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 26*(3), 319-326.
- Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research, 8*(2), 23-74.
- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family communication*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Silva, M. (2012). *A resiliência nos adolescentes e a percepção dos estilos educativos parentais*. Dissertação de Mestrado não publicada em Psicologia Clínica ao Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Skinner, H., Steinhauer, P., & Sitarenios, G. (2000). Family assessment measure (FAM) and process model of family functioning. *Journal of Family Therapy, 22*(2), 190-210.
- Tomé, G., Gaspar de Matos, M., Camacho, I., Simões, C., & Diniz, J. A. (2012). Portuguese adolescents: The importance of parents and peer groups in positive health. *Spanish Journal of Psychology, 15*(3), 1315-1324. http://dx.doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n3.39417
- Tribuna, F. (2000). *Famílias de Acolhimento e Vinculação na Adolescência*. Dissertação de Mestrado não publicada em Psicologia Clínica ao Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Wagnild, G. M., & Young, H. M. (1993). Development and psychometric evaluation os the resilience scale. *Journal of Nursing Measurement, 1*(2), 165-178.
- Watzlawick, P., Beavin, J. B., & Jackson, D. (1993). *Pragmática da comunicação humana. Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação* (9ª ed.). São Paulo: Cultrix.
- Wilkinson, I. (2000). The Darlington Family Assessment System: Clinical guidelines for practitioners. *Journal of Family Therapy, 22*(2), 211-224.
- Zwick, R. (1988). Another look at interrater agreement. *Psychological Bulletin, 103*(3), 374-378.